

Um resgate da história editorial brasileira

A rescue of the brazilian publishing history

■ MARCELLO ROLLEMBERG*

CASTRO, Ruy; MELO, Maria Amélia (2012)

O Melhor da Senhor (vol.I); Uma Senhora Revista(vol.II)

São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 408 pág (vol.I); 102 pág. (vol.II)

RESUMO

Nesta resenha são apresentados e analisados os dois volumes que compõem um importante resgate editorial da revista *Senhor*, um clássico no mercado editorial brasileiro, publicada entre 1959 e 1964. No primeiro volume, são apresentados mais de 90 textos que ajudaram a construir a importância e a fama da revista. Já o segundo volume traz oito artigos de ex-colaboradores da publicação, contando suas experiências e lembrando momentos marcantes de *Senhor*.

Palavras-chave: história editorial, jornalismo, revista, sociedade

ABSTRACT

The review presents and analyses the two volumes which composes an important publishing rescue of *Senhor* magazine, a classic in brazilian publishing market, which was published between 1959 and 1964. In its first issue there are more than 90 articles that establish the importance and fame of this magazine. The second issue brings eight articles from formers *Senhor* journalists, whose tells their personal experience, remembering key moments while worked in *Senhor*.

Keywords: publishing history, journalism, magazine, society

* Jornalista, escritor e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professor do curso de Comunicação Social da UNIFIEO-Osasco. E-mail: mrolleberg@hotmail.com.

A HISTÓRIA DO JORNALISMO de revistas no Brasil, iniciada em 1812 com a publicação de *As Variedades*, registra nesses exatos dois séculos o surgimento e o desaparecimento de uma vasta quantidade de títulos, a maioria deles de vida tão efêmera quanto obscura. Outros, no entanto, marcaram época e se tornaram referências paradigmáticas na imprensa brasileira. São os casos, por exemplo, de publicações como *O Cruzeiro*, lançada em 1928 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e *Realidade*, da Editora Abril de Victor Civita, em 1966. Essas duas revistas, coincidentemente desaparecidas do mercado na década de 1970 – a primeira pela indigência econômica do grupo editorial que a mantinha, a segunda por opção mercadológica, mesmo vendendo mensalmente 120 mil exemplares – são emblemáticas pelo que trouxeram de luzes ao fazer jornalístico de sua época e pelo que proporcionaram de compreensão do mundo sensível para a sociedade que as lia.

Nenhuma delas, no entanto, teve o condão de se tornar, ao longo de décadas, sonho de consumo de leitores apaixonados, colecionadores e mesmo jornalistas (ou estudantes de jornalismo) como a *Senhor*. Não aquela que emulou o título em finais dos anos 80, se fundiu com *IstoÉ* e depois desapareceu sem deixar saudade. Mas sim a *Senhor*, por assim dizer, clássica, criada pelo gaúcho Nahum Sirotsky e lançada em março de 1959 e que durou exatos 59 números, até deixar de circular em janeiro de 1964, quando o golpe militar já ameaçava entoar suas trombetas soturnas. A revista, que se apresentava também apenas como *Sr.*, se tornou uma espécie de *mosca branca* do colecionismo editorial, posto que se tornou uma missão de garimpagem improvável conseguir sequer um exemplar depois que ela encerrou suas atividades. Quem tinha, não se desfazia. Para lê-la, só consultando afortunados arquivos de bibliotecas ou contando com a boa vontade de colecionadores zelosos. Agora, no entanto, essa busca se tornou menos árdua. A Imprensa Oficial do Estado de São Paulo acaba de publicar dois volumes – *O Melhor da Senhor* e *Uma Senhora Revista*, com uma série de artigos a respeito da revista – nos quais *Senhor* ressurgiu quase que por completo e pode, afinal, saciar o anseio de antigos admiradores e apresentar a novas gerações o que ela tinha de tão especial. A organização é de Ruy Castro e a concepção e coordenação, de Maria Amélia Melo.

E o que era exatamente que ela tinha que a destacava de outras de sua época e que a manteve viva mesmo quase cinco décadas depois de seu desaparecimento? Em uma palavra: estilo. Estilo na diagramação de suas páginas 23,5 x 31,5 em papel fosco, nas capas produzidas por, entre outros, o artista plástico Carlos Scliar e o cartunista Jaguar, nos textos de autores como Paulo Francis, Armando Nogueira, Luiz Lobo, Clarice Lispector, Otto Lara Rezende, Carlos Heitor Cony, Graciliano Ramos e Rubem Braga. Tantos nomes que acabariam

por se tornar referência obrigatória na imprensa e na literatura nacionais contribuíram para que a revista fosse muito mais do que apenas uma outra publicação jornalística – que veio a lume, diga-se, com muita dificuldade e que quase não chega ao segundo número –, em meio a tantas que eram dependuradas em bancas de jornais. Com um adendo: *Senhor* não se preocupava com o factual, com um possível agendamento noticioso (termo que só anos mais tarde seria cunhado por McCombs e Shaw). Ela se preocupava, sim, com comportamento, com *brasis* que a grande imprensa não focava, com as nuances do mundo daqueles tempos de combustão de Guerra Fria e avanços e solavancos sociais, com bons textos e boa leitura.

Senhor foi a última de uma grande tradição de revistas românticas brasileiras. Anos depois, as revistas mensais que a sucederam trocaram sua superioridade majestática e seu olímpico desprezo pelos fatos por uma espécie de urgência republicana e um excessivo apego à atualidade (Castro, vol.II, pág. 19).

Era uma revista que baseava sua qualidade editorial em contar bem uma história, qualquer que fosse ela, com o auxílio de um esmero gráfico que a diferenciava de todas suas possíveis concorrentes. Que, na verdade, não existiam diretamente. Colocar *Senhor* no mesmo patamar que *Cruzeiro* ou *Manchete* – as duas grandes do período em que *Sr.* circulou –, por exemplo, seria relativizar por demais a estatura e a importância das três publicações. *Senhor* corria, por assim dizer, em faixa própria, destinando-se a um público masculino seletivo, quase que exclusivo. Não exatamente aquele que comprava a ainda florescente e importada *Playboy*, mas um público-alvo mais sofisticado e exigente. Um adulto consciente, responsável, liberal, próspero e atento às novidades. Um homem moderno, como se dizia então. E uma mulher também, já que a revista fazia questão de flertar com o público feminino, mesmo que em tom de graça, como atesta seu primeiro editorial.

Minhas senhoras (...) Esta revista lhes permitirá o mais completo conhecimento sobre o homem, suas manias, seus cacoetes, sua tática, seus pensamentos, seu ponto de vista, suas idiossincrasias, seu humor, maneira de vestir, de calçar, de comprar, falar, gostar, mentir, viver e morrer. (...) Assim, fazendo uma revista exclusivamente para homens, estamos – mais do que nunca – trabalhando para que vocês tenham uma vida melhor. E nós também (vol.I: pág. 9)

O resgate de história editorial que Castro e Melo fazem se reveste ainda de maior importância graças à edição bem cuidada que a Imprensa Oficial disponibilizou aos leitores. Os dois volumes são complementares, mas podem ser lidos de forma independente. O primeiro, que reúne o melhor de *Senhor*,

R

Um resgate da história editorial brasileira

traz, em suas 408 páginas uma seleção do que de melhor a revista publicou em seus cinco anos de existência, inclusive reproduzindo as capas de cada edição selecionada. A sensação é de ter as publicações originais encadernadas, apenas com algumas páginas faltando. Um desleixo desculpável. Ao todo, são reproduzidos 95 textos originais da revista, entre artigos, reportagens, crônicas, entrevistas e editoriais. Além de cartuns e eventuais fotos de mulheres que faziam furor na época, como Odete Lara – só que relativamente vestidas.

Já o segundo volume apresenta oito artigos que contam, de várias maneiras, um pouco da história da revista pela visão de autores como Maria Amélia Melo, Paulo Francis, Ivan Lessa, Luiz Lobo e Nahum Sirotsky. Escritos em épocas distintas – o de Sirotsky, por exemplo, foi enviado por e-mail desde Tel-Aviv, onde o criador de *Senhor* vive, especialmente para esta publicação –, eles formam um importante mosaico impressionista acerca de uma revista que até hoje não encontrou paralelo no mercado editorial brasileiro. Tanto por seu ineditismo quanto por sua ousadia, em um momento em que a sociedade brasileira, por mais que observasse o novo com curiosidade e certo interesse, ainda mantinha firmes suas raízes conservadoras. Mas que deixou ecos. Talvez o principal deles possa ser encontrado hoje nas páginas de *piuí*, que em muito reproduz a estética gráfica e jornalística de *Senhor*. Mas, como bem disse Ruy Castro, Sr. era de uma época romântica. E, atualmente, romantismo não tem nada a ver com isso. ■

Resenha recebida em 18 de setembro e a aprovada em 21 de setembro de 2012.